

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



ne
qui
ce l apso
na função
supressora

**Camila
Passatuto**



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Alinne Fernandes

ARTE DE CAPA
Camila Passatuto

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P286N PASSATUTO, CAMILA. 1988-
NEQUICE: LAPSO NA FUNÇÃO / CAMILA PASSATUTO -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

124 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-371-9

1. FICÇÃO 2. PROSA POÉTICA I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

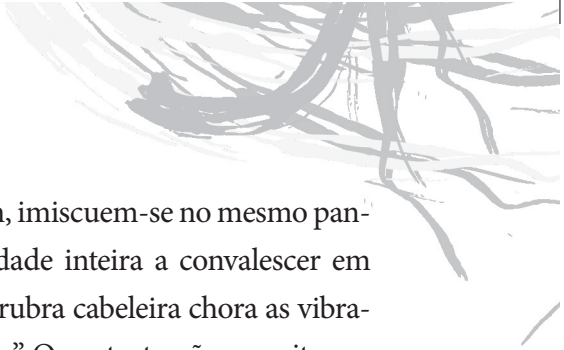


O grito de quem tem o pano entre os dentes

Os urros entre as correntes não são mais dos loucos de antes. Estes, medicados, relaxam em bravura domada nas salas de espera dos consultórios que se multiplicam. Os loucos, agora, vestem-se de camisa polo e mocassins, em um espetáculo alarmante de supremas intenções em prol de uma sanidade que eles determinam como tal. As reações a isso vibram nos olhos pelo sangue dos inconformados, estes chamados de insanos pelos que querem ditar regras.

O grito de quem tem o pano entre os dentes implode, mas ainda assim identifica o veneno. O amor não consumado é reflexo de bandeiras a meio pau, difícil cultivar o futuro privado quando é o passado público que acena à janela, ou é trazido por enfermeiras que servem as cápsulas com dedos de morte.

Em seu segundo livro, Camila Passatuto vela defuntos de guerra e, em paralelo, atea fogo à própria vida, testemunha que não sucumbe à tortura. Só que a batalha não terminou, ainda. Há algumas garotas que se banham com sabonete *Dove* a ser abatidas. Ou, melhor, já se encontram nessa condição; outras, em carne viva, ocupam o tempo da autora, que tateia entre parapeitos, endereços aleatórios e amantes instáveis, em dias “cada vez mais trêmulos”.



Público e privado, assim, imiscuem-se no mesmo pandemônio existencial: “Uma cidade inteira a convalescer em meus seios”, enquanto “minha rubra cabeleira chora as vibrações de uma juventude mutilada”. O contexto não permite outra esperança a não ser a de um resgate por “anjos viciados em lítio”, num misto de escapismo e realismo extremo.

As situações descritas, no ritmo de uma procissão atea entre vômitos de sangue, cavalos de troia e afazeres diurnos “encaminhados para os ajustes finais”, são bordadas pela riqueza da linguagem, na técnica característica de Camila, em sua profusão de arranjos vocabulares pouco convencionais: “Folheia meus fios com os dedos mais leves no assentar de cor e liberdade”; “Um trago de ansiedade ao não perceber meus remorsos”.

Entre desenganos, resiste, então, o próprio livro, solerte, gênese e epílogo da tragédia; o lapso, em si, de toda função supressora. “Não é apenas uma doença que paralisa, nem uma ansiedade que me come as unhas até a carne sem sal. É um verso estranho recitado antes do tiro.”

Abriu-se a porta do hospício. Camila Passatuto liberta os lúcidos.

EDSON VALENTE

Jornalista e escritor. Autor dos livros *Lençóis em leitos coletivos* (Poesia – Patuá, 2018), *Raiz forte* (Contos, idem, 2015), *Pow-emas e Outros Jabs Líricos* (Poemas, idem, 2014) e *Refluxos* (Contos – Ateliê Editorial, 2010).



► | **NOTA**

Estive no centro de um universo confuso, admirei máquinas, escamas e dores a matar homens e mulheres. Abarcada no sistema falho, sangrei sem vírgulas ou pontos.

Qualquer droga que abençoe o grunhir dos ossos, eu tomei.

Eu soube.

Empombar-se alma nua de circuitos, sem a pressa de leas no cio, não vale o casario de punhos amovíveis.

Rebela teu seio ao poder, filha. Luta tua honra pelas grades.

São receituários antigos, esculpidos em tornos de prosa podre, é a guerra que me rende os olhos, poesia que quase fere quase arrasta.

São louvores e gozos plenos na hora de bater o ponto. São fins a asselvajar a vítima prematura no instante de eutanásia da mulher que amo.

Qualquer hora me fode a têmpera triste, meu amor. Não insiste.



Toda paranóia posta a mesa. Quem tem fome?

E eu voltei para conter meus mundos, leitor.

Sem dó.

Nem Cuidados.



Cortavam panos, como moças a serrar as juntas de novilhos prestes a cevar toda malta d'uma rubra ilha condenada a perder o nome e o cheiro, por conta da distância entre o real e a loucura.

Olha. Separavam dores como quem debulha trigo, era incrível.

Nunca atinei os ponteiros, essa coisa de meio, começo e fim. Elas tinham hora para comer, depois colhiam vento e cortavam panos. Eu só observava as panturrilhas douradas e definidas pela luz média dos vitrais amarelados, um prazer adolescente que pudera, em turnos tristes e sem temores, salvar o tédio das bielãs minhas.

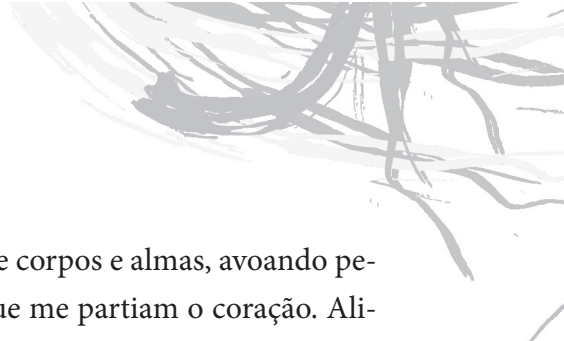
Carregavam crianças invisíveis em barrigas ocas, coçavam as virilhas para um amor sincero, transavam entre máquinas de costuras. Suavam o ódio que tempera o rancor.

Entre um socorro e outro perdão, algumas me ofereciam os seios na esperança de amor. Eram carnes de novilhas em súplicas quentes.

E eu comia.

Sem dó.





E ficava ali, senhora de corpos e almas, avoando pelos corredores úmidos das que me partiam o coração. Alimentava meu vazio com as coxas exaustas por pedais.

Depois. Sem pasto, sem lastro... Eu também cortava panos.



Eu tentei. Subúrbio sorumbático de procedência duvidosa. Essa sou.

Das pás que edificam a morte e escondem o sorriso gelado em dia de sol, sou a linguagem que denuncia a poética dos absurdos mornos.

Sou a que emprega os afazeres noturnos e fodo, de modo emendado, as falhas diurnas entre os dentes de leite.

Aqui se faz e se degusta a dor de uma geração. Os cabelos decoram o ralo do vestiário e meus espíritos gritam por socorro.

Bebo um tutti-frutti barato, desatino uma tropicália inteira nas cores em rescaldo que vibram prematuras sob meus dedos magros.

Eu tentei uma revolução e sobrou no dorso morno os restos mortais da utopia milenar ensarilhada nas mãos do deboche carrasco.

Comprei a guerra com os olhos.

E queimo o cachimbo do santo com orgulho.

O chá das seis esfria calmamente ao lado do corpo imundo que levita a cada cinco segundos.

Vamos acabar.



www.editorapenalux.com.br

 camila-passatuto@hotmail.com

 [/camila.passatuto](https://www.facebook.com/camila.passatuto)